

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**POR UMA “UNIVERSIDADE-PONTE”: PROCESSOS SOCIAIS E  
PRÁTICAS DISCURSIVAS NA ÁREA DE PSICOLOGIA SOCIAL EM  
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO SUL DO BRASIL**

**KAREN NUNES MONTES D'OCA**

**Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do  
Sul como requisito parcial para a obtenção  
do grau de Mestre em Psicologia.**

**Porto Alegre**

**Janeiro, 2014**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**POR UMA “UNIVERSIDADE-PONTE”: PROCESSOS SOCIAIS E  
PRÁTICAS DISCURSIVAS NA ÁREA DE PSICOLOGIA SOCIAL EM  
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO SUL DO BRASIL**

**KAREN NUNES MONTES D’OCA**

ORIENTADORA: Profa. Dra. HELENA BEATRIZ KOCHENBORGER SCARPARO

Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração em Psicologia Social.

**Porto Alegre  
Janeiro, 2014**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**POR UMA “UNIVERSIDADE-PONTE”: PROCESSOS SOCIAIS E  
PRÁTICAS DISCURSIVAS NA ÁREA DE PSICOLOGIA SOCIAL EM  
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO SUL DO BRASIL**

**KAREN NUNES MONTES D’OCA**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. Aline Reis Calvo Hernandez – UERGS

Profa. Dra. Sueli Souza dos Santos – UERGS

**Porto Alegre  
Janeiro, 2014**

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar as diferentes práticas de pesquisa em Psicologia Social no Rio Grande do Sul, no atual cenário da Pós-Graduação nacional e segundo as políticas de publicação em periódicos instituídas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A dissertação contempla dois estudos: no primeiro busca-se problematizar o discurso do desenvolvimento científico neutro e objetivo e seus efeitos na construção do conhecimento acadêmico brasileiro contemporâneo, através da escrita de um ensaio e com apoio no construcionismo social. Parte-se do pressuposto de que o desenvolvimento científico é fruto de uma construção social e, logo, não é só um fato, mas um fato carregado de valor que reflete uma visão de mundo, evidencia uma ideologia e revela as marcas do contexto histórico no qual se inscreve. Dessa forma, abordamos práticas tais como: o tecnicismo da linguagem científica; a empresarialização da academia e de muitos intelectuais que pautam suas práticas segundo uma lógica capitalista; o produtivismo acadêmico e o conseqüente gerenciamento de currículos; bem como o fenômeno da internacionalização acadêmica. Marcado por essas práticas, o discurso predominante associado ao desenvolvimento científico pode ter como efeito práticas acadêmicas que compõem noções de ciência e critérios de cientificidade amparados nas perspectivas da neutralidade e da objetividade, o que implica em processos de naturalização. O segundo estudo discute a diversidade epistemológica e os critérios de cientificidade presentes nas publicações em periódicos (2009-2012), na área de Psicologia Social. Para fazer essa discussão, realizamos uma pesquisa documental que associa as publicações de professores-pesquisadores de Programas de Pós-Graduação instituídos no Rio Grande do Sul com as classificações *Qualis* periódicos formulada pela CAPES. Desse modo buscamos contribuir com as discussões sobre os processos sociais que propiciam os protagonismos epistemológicos. Logo, ao longo deste trabalho mostramos como as políticas *Qualis* podem propiciar critérios homogêneos de cientificidade e que, especialmente em Psicologia Social, conferem maior visibilidade a epistemologias que favorecem a construção de padrões e expectativas *a priori* para o comportamento social.

**Palavras-Chaves:** Psicologia Social, produção do conhecimento, desenvolvimentismo científico, construcionismo social.

**Área conforme classificação CNPq:** 7.07.00.00-1 - Psicologia

**Sub-área conforme classificação CNPq:** 70705003 - Psicologia Social

## ABSTRACT

The objective of this study is to investigate the different practices of research in Social Psychology in Rio Grande do Sul in today's scenario and according to the publication policies in periodicals established by the Improvement Coordination of Higher Education Personnel (known as CAPES). The dissertation comprises two studies: the first seeks to problematize the discourse of neutral and objective scientific development and its effects in the construction of the contemporary Brazilian academic knowledge through the writing of an essay supported by social constructionism. Assuming that scientific development is the result of a social construction and thus is not only a fact but a fact full of value that reflects a worldview, evidencing an ideology and revealing the marks of the historical context in which it inserts itself. Therefore, addressing practices such as: the technicality of scientific language, the corporatization of the academy and of many intellectuals who base their practices according to a capitalist logic; academic productivism and the consequent curriculum management, as well as the phenomenon of academic internationalization. Marked by such practices, the dominant discourse associated with scientific development may have as result the academic practices which consist notions of science and scientific criteria supported by the perspectives of neutrality and objectivity, which implies a process of naturalization. The second part discusses the epistemological diversity and scientific criteria presented in publications in journals (2009-2012) in the area of Social Psychology. To formulate this argument, a desk research was conducted associating the publications of research professors of post-graduate programs established in Rio Grande do Sul with "*Qualis* periodicals" classifications formulated by the CAPES Program. Thus, this study seeks to contribute to discussions about the social processes that provide epistemological protagonisms. Therefore, throughout this paper we show how the policies can provide homogeneous *Qualis* scientific criteria which, especially in Social Psychology, provide greater visibility to epistemologies that favor the construction of patterns and *a priori* expectations for social behavior.

**Key-words:** Social Psychology, knowledge production, scientific developmentalism, social constructionism.

**Área conforme classificação CNPq:** 7.07.00.00-1 - Psychology

**Sub-área conforme classificação CNPq:** 70705003 - Social Psychology

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA .....</b>	<b>4</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>5</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>7</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>8</b>
<b>SUMÁRIO .....</b>	<b>9</b>
<b>1. O INÍCIO DA CONSTRUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. LUGAR DA UNIVERSIDADE – CONSTRUÇÃO DO LIVRE PENSAR?.....</b>	<b>17</b>
<b>3. PSICOLOGIA SOCIAL EM PERIÓDICOS ACADÊMICOS (2009-2012): UMA REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS DISCURSIVAS NO RIO GRANDE DO SUL .....</b>	<b>40</b>
<b>4. O FIM DA CONSTRUÇÃO PELA BUSCA DE NOVOS HORIZONTES .....</b>	<b>66</b>
<b>5. ANEXO .....</b>	<b>70</b>

## 1. O INÍCIO DA CONSTRUÇÃO

*Alguma coisa aconteceu comigo. Alguma coisa tão estranha que ainda não aprendi o jeito de falar claramente sobre ela. Quando souber finalmente o que foi, essa coisa estranha, saberei também esse jeito. Então serei claro, prometo. Para você, para mim mesmo. Como sempre tentei ser. Mas por enquanto, e por favor, tente entender o que tento dizer. É com terrível esforço que te escrevo. E isso agora não é mais apenas uma maneira literária de dizer que escrever significa mexer com funduras - como Clarice, feito Pessoa.*

Caio Fernando Abreu

Em sua “Carta além-muros”, o poeta Caio Fernando Abreu, quando estava hospitalizado, escreve uma carta para sua amiga na tentativa de compartilhar a transformação que ocorrera nele nos intramuros do hospital. É difícil, dolorido, mas necessário por vezes ousar escrever o que muitas vezes se encontra no limite do dizível e do suportável. Entretanto, seja pelo desejo de compartilhar as tentativas de atribuir significado aos processos vividos, seja pela impossibilidade de negar o quanto a “coisa estranha” mostra-se sedutora quando fixamos o olhar, então, escreve!

Esta dissertação, semelhante à carta de Caio, deseja compartilhar as tentativas de atribuir significado às atuais formas de produzir conhecimento em Pós-Graduação. Pode-se dizer que ela consiste em uma dissertação-carta escrita dentro das paredes/muros da Pós-Graduação em Psicologia e destinada àqueles que acreditam ou que não deixaram de acreditar em uma universidade comprometida ética e politicamente com a sociedade. Uma universidade que seja um lugar que cultive a liberdade de pensamento, na qual a educação e a pesquisa não sejam apenas um negócio, mas oportunidade de criação de outras realidades. Dessa forma, escrevemos esta dissertação-carta a fim de que possamos construir uma universidade com menos muros e mais pontes. É pela escrita desejante, curiosa e, muitas vezes, desajeitada que começamos a compartilhar a construção desta ponte.

### **A construção do campo-tema da pesquisa pelo estranhamento**

Parece óbvio, ao menos na perspectiva institucionalizada, dizer que o papel dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) na atualidade consiste em, além de formar docentes, concentrar esforços na formação de pesquisadores, tanto pelo investimento no desenvolvimento de capacidades de pesquisa – através de um currículo focado no estudo do

método e do fomento à participação em grupos de pesquisa e a produção de artigos – quanto pelo incentivo à comunicação com as comunidades científicas internacionais – através de seminários, congressos e, especificamente no doutorado, de intercâmbios via doutorado sanduíche.

Essa descrição de PPG pode ser óbvia especialmente para os professores e para os pós-graduandos que foram bolsistas de iniciação científica ou para os pós-graduandos que já concluíram seu mestrado ou doutorado. Não queremos dizer que isso é uma ideia ou representação do que seja um PPG. Desejamos expressar um pouco da materialidade do termo. O sentido de PPG como instância universitária focada na pesquisa, na produção e publicação de artigos científicos assim como na internacionalização se traduz necessidade de consolidar linhas de pesquisa que organizam e visibilizam a materialidade dos limites discursivos. Podemos citar como exemplo simbólico as várias salas destinadas à privatização desses discursos, salas cujos habitantes, conectados à internet, parecem preferir a interlocução com quem está fora do que com quem está ao lado. Assim, a realidade PPG é construída por práticas sociais, ou seja, por uma linguagem social compartilhada que se materializa tanto nos discursos como nos objetos. Nesse sentido, as pessoas que compartilham dessa linguagem agem como se o universo de práticas dos PPGs fizesse todo o sentido e fosse algo absolutamente natural, de modo inclusive a fazer desnecessária qualquer explicação ou tentativa de compreensão. Mas o que seria estranhado na lógica da naturalização? Em poucas palavras, o que destoa da ordem naturalizada, os estrangeiros<sup>1</sup>.

Como acontece em qualquer território, o estranho habita os espaços dos PPGs. Está presente nos corredores, onde a conversa informal fala do que deveria ser inusitado para a vida acadêmica. Está presente nas garatujas cuidadosa e lentamente desenhadas durante as intermináveis aulas e reuniões. De vez em quando, o estranho se manifesta em comportamentos, em hábitos não pactuados. Do estranho nasce o estrangeiro, o estranho pessoalizado. Pode ser um aluno, um funcionário, um visitante, um professor ou um momento de alguém...

---

<sup>1</sup> Utilizamos estrangeiros no sentido de estranhos (Bittar, 2008).

Os alunos estrangeiros, como eu<sup>2</sup>, percorrem um mundo desconhecido, também estranho. Eles pouco sabem das regras da pesquisa instituída e dos critérios de cientificidade. Do mesmo modo pouco conhecem as linguagens comuns e as práticas sociais rotineiras naquele espaço. Ser estrangeiro, então, exige grande empenho no sentido de familiarizar-se com o que é considerado pela maioria como óbvio e natural. Um exemplo disso aconteceu comigo nas primeiras semanas de aula, quando desconhecia o hábito de deixar os pertences nas dependências do Grupo de pesquisa, antes de ir para a aula. Eu era a única que entrava de mochila para a aula e ainda pensava “que desrespeito, vir para a universidade sem material... isso é bem estranho!” Ao mesmo tempo sentia que os colegas também estranhavam meu comportamento. Essa interlocução silenciosa, em diferentes momentos dava origem a muitas interrogações sobre os modos de ser e agir naquele território.

Esses questionamentos aumentaram no transcurso do mestrado, especialmente quando li, na disciplina de Psicologia Social, o livro de Farr (1996/2000), autor que defende a tese de que a Psicologia Social foi fortemente influenciada pelo contexto em que se produziu como ciência. Tal leitura fez com que eu prestasse mais atenção às influências do contexto onde eu estava pesquisando e, ao mesmo tempo, passasse a me interessar por aquilo que os outros pesquisavam e pelo modo como o faziam. Assim, me intrigava a questão dos “objetos” de pesquisa e a variedade de perguntas que se pode fazer para o “objeto”, perguntas que determinam o método a se adotar ou não.

Meus questionamentos e inquietações se intensificaram quando percebi que não havia consenso entre os termos utilizados na pesquisa, como, por exemplo, “método” e “objeto”. Enquanto alguns professores ensinavam a linguagem dos manuais, outros questionavam nossas escolhas epistemológicas, fazendo à cruel, mas necessária, pergunta: “mas por que tem que ser assim?” Nesse momento, a incerteza perturbava a turma e eu, ingenuamente talvez, achava que havia uma resposta certa, um território seguro em que não houvesse contestação possível. A turma buscava respostas, pois os questionamentos dos professores perpassavam as

---

<sup>2</sup> Nesta introdução utiliza-se o termo “eu” relativo a uma personalidade que está numa contínua negociação intersubjetiva no jogo das relações sociais. Assim, o “eu” fala e é falado a partir de uma linguagem social para ser entendido pelo outro. Nesse sentido, entende-se que a realidade é construída nesse intercâmbio social. Mas, quando vemos, perdemos o sentido do “eu” ao agregar a linguagem social do “outro”, e já estamos dizendo: “nós”.

paredes da sala de aula e invadiam nossas conversas em vários lugares: almoços, cafés, ônibus, corredores, e-mails.

Ao mesmo tempo, havia urgência em lidar com as dúvidas e encontrar algumas certezas, pois precisávamos construir um projeto de pesquisa rapidamente para que pudessemos cumprir as exigências institucionais da CAPES e, conseqüentemente, do PPG em Psicologia, (exigências) que regulamentam o prazo “recomendável” de dois anos para a conclusão do mestrado. Nesses termos, não importava o que se deseja pesquisar, mas o que é possível pesquisar em 24 meses.

As regulamentações institucionais, pautadas nos critérios da CAPES estavam sempre presentes, pois suas “recomendações” e “critérios” determinam os rumos da Pós-Graduação nacional. As exigências são tão “influentes” que determinam inclusive o modo como devemos escrever a dissertação. De fato, não é por acaso que este trabalho é composto por artigos em vez de capítulos. Dessa forma, o pós-graduando vai perdendo a possibilidade de exercer a liberdade autoral, ou seja, de compartilhar e divulgar sua pesquisa de modo mais livre e de explicitar os movimentos de pensamento presentes no decorrer do processo de investigação. A dissertação em artigos é feita para ser publicada em partes independentes, uma escrita que, infelizmente, nasce sabendo que será órfã e que, conseqüentemente, terá que “se virar sozinha”. Temo que até este breve espaço de introdução possa ser suprimido, por não ter o formato de uma publicação indexada. Da mesma forma, temo pela extinção do importante momento de defesa pública perante uma banca. Não é impossível que, com o argumento da praticidade, a sessão de defesa seja substituída por pareceres dos periódicos científicos.

Ao fazer essa narração queremos mostrar os rastros de potenciais reflexões sociais sobre o modo como se tem feito pesquisa na Pós-Graduação tendo em vista as práticas voltadas para a Psicologia Social, bem como nosso interesse por questões atinentes ao campo da Pós-Graduação. Nesse sentido, não pretendemos isolar campo e tema, mas tentar contribuir para o debate da produção do conhecimento em Psicologia Social no atual cenário da Pós-Graduação, como participantes do campo-tema (Spink, 2003).

Assim, investigamos as diferentes práticas de pesquisa engendradas nas materialidades desse tempo. Para isso, essa dissertação contempla dois estudos. No primeiro, buscamos desmitificar o atual discurso do desenvolvimentismo científico, mediante uma reflexão que busca desnaturalizar práticas acadêmicas que têm se imposto como condição de possibilidade para se habitar no universo acadêmico. Nesse primeiro momento de nosso trabalho, analisamos práticas tais como: o tecnicismo da linguagem científica; a empresarialização da

academia e de muitos intelectuais que pautam suas práticas segundo uma lógica capitalista; o produtivismo acadêmico e o conseqüente gerenciamento de currículos; bem como o fenômeno da internacionalização acadêmica. Com essa reflexão, intencionamos apresentar um estudo que seja um dispositivo de resistência e desacomodação pois somente resistindo às muitas práticas naturalizadas que nos são impostas e, logo, desacomodando-se é que se torna possível o livre pensar na universidade.

No segundo estudo, escrevemos um artigo que é fruto de uma pesquisa documental que realizamos, pesquisa cujo intuito consistiu em entender de que modo se construíram ao longo dos anos 2009-2012 as práticas discursivas nas publicações em periódicos na área de Psicologia Social no Rio Grande do Sul. Nesse segundo momento de nosso trabalho, discutimos sobre a diversidade de teorias epistemológicas e critérios de cientificidade presentes nas publicações em periódicos e investigamos o principal instrumento que atualmente regula a pesquisa nacional em periódicos, o *Qualis* periódicos da CAPES.

### **Os “alicerces” da construção – o construcionismo social**

Utilizamos o construcionismo social como lastro teórico para compor este processo de investigação. Ao dizê-lo, queremos deixar claro que nos despojamos de qualquer pretensão de neutralidade, verdade e universalidade (pres)supostos pela ciência tradicional. Assim, marcamos o “ismo” do construcionismo social não como a afirmação de um monismo teórico ou epistemológico, mas como a adesão a um movimento intelectual que, embora contemple uma complexa diversidade teórica, possui, como principal característica, uma posição crítica de contínuo questionamento do que se considera correto, óbvio, natural ou evidente (Íñiguez, 2005). Ademais, como afirmam Rasera, Guanaes e Japur (2004), o construcionismo deve ser entendido como um campo de tensões no qual há posicionamentos epistemológicos distintos e até mesmo contraditórios. Além disso, se o movimento construcionista tentasse dirimir os contrastes e as tensões entre os diversos posicionamentos e, logo, estabelecesse uma verdade definitiva ou uma lógica fundante, então entraria em contradição com as próprias ideias que defende (Gergen & Gergen, 2004/2010).

Dentro desse movimento, fundamentamos nossa pesquisa nos pressupostos elaborados por Gergen (2008, 2009; Gergen & Gergen, 2004/2010), os quais não são baseados no dualismo entre sujeito e objeto, pois concebem a pesquisa como um processo criativo e colaborativo que é construído pela inter-relação entre linguagens sociais. Assim sendo, poder-

se-ia dizer que a pesquisa é uma forma de inter-relacionar linguagens sociais distintas, proporcionando a transformação das linguagens anteriores.

Nesse sentido, o processo de pesquisa é entendido como prática social, pois é, ao mesmo tempo, produto e produtor de linguagens sociais. Na medida em que a pesquisa não está isolada, ela se compõe na relação entre as linguagens das comunidades científicas e das comunidades “em geral”, mas também se compõe na relação com o contexto histórico-político. Dessa forma, a única característica estável e intrínseca no processo de pesquisa é seu caráter dinâmico.

Portanto, a prática de pesquisa não consiste em “descobrir” uma verdade, mas em construir verdades, pois enquanto “descrições e explicações sobre o mundo [as práticas de pesquisa] constituem, elas próprias, formas de ação social” (Gergen, 2009, p. 306). Nessa perspectiva, entende-se que a pesquisa em Psicologia Social é uma construção social que produz realidades sociais. Trata-se de uma construção social na medida em que a atividade de pesquisa possibilita descrever o mundo conforme das nossas relações sociais. Pesquisar é um ato coletivo tanto pelas especificidades da atividade acadêmica quanto pela interrelação entre pesquisador e as demais pessoas, grupos e instituições que participam da pesquisa. Destarte, a pesquisa é uma atividade coletiva, uma composição de vozes que se empenham em dar significado ao mundo através da linguagem.

Na medida em que se pretende investigar os modos de inscrever a pesquisa em Psicologia Social em periódicos acadêmicos a partir de um determinado contexto sócio-histórico, pressupomos, com base no referencial construcionista, que o contexto sócio-histórico influencia nas epistemologias adotadas na pesquisa em Psicologia Social.

Acreditamos que nossa interpretação deve ser entendida a partir das limitações, ou seja, como uma construção de uma “realidade” relativa. Relativa a uma perspectiva epistemológica social. Relativa à nossa proximidade com o contexto sócio-histórico de pesquisa. E relativa às possibilidades espaço-temporais de uma dissertação.

## **Referências**

- Bittar, E. C. B. (2008). Quem é estrangeiro no mundo dos homens? *Ide*, 31(47), 110-113.
- Farr, R. M. (2000). *As raízes da Psicologia Social Moderna* (P. A. Guareschi & P. V. Maya, Trads.) (3ª ed.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1996).
- Gergen, K. J. (2008). A Psicologia Social como história [Social Psychology as History]. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 475-484.

- Gergen, K. J. (2009). O movimento do construcionismo social na Psicologia moderna [The Social Constructionist Movement in Modern Psychology]. *INTERthesis*, 6 (1), 299-325.
- Gergen, K. J. & Gergen, M. (2010). *Construcionismo social: um convite ao diálogo* (G. Fairman, trad.). Rio de Janeiro: Instituto Noos. (Original publicado em 2004).
- Iñiguez, L. (2005). Nuevos debates, nuevas ideas y nuevas prácticas en la Psicología Social de la era "post-construccionista". *Athenea Digital*, 8. Recuperado <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=53700815>
- Rasera, E. F., Guanaes, C. & Japur, M. (2004). Psicologia, ciência e construcionismos: dando sentido ao *self*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), 157-165.
- Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construccionista. *Psicologia & Sociedade*, 15(2), 18-42.

#### **4. O FIM DA CONSTRUÇÃO PELA BUSCA DE NOVOS HORIZONTES**

Procuramos nesta dissertação, talvez de modo quase obstinado, propor questionamentos sobre as atuais práticas de pesquisa em Pós-Graduação na área de Psicologia Social. Mas não um questionamento por rebeldia ou por “achar” que está tudo errado, mas por acreditar que precisamos lutar por uma universidade mais autônoma, heterogênea, crítica e social e por práticas acadêmicas, mais resistentes à desigualdade, mais solidárias e menos comprometidas com valores que não são os valores do conhecimento inspirado na linearidade da razão.

Os questionamentos levantados foram proporcionais aos problemas e contradições que encontramos na academia e foram propostos a fim de propiciar novos horizontes, novas possibilidades para agregar força, consistência teórica e argumentativa aos inquietos de toda a ordem, mesmo aqueles que não compartilham dos nossos princípios e, assim como nós, vêm-se perplexos diante das práticas decorrentes do discurso desenvolvimentista do conhecimento e da crescente valorização da epistemologia experimental na área de Psicologia Social.

Não obstante, não foi fácil nem simples a tarefa de se deparar com o positivismo do discurso desenvolvimentista e com discursos institucionais e os da Psicologia Social dita “científica”, pois esses discursos, por vezes, tornavam o ar rarefeito na medida em que sufocavam quaisquer práticas que não atendessem a agenda do tecnicismo, do produtivismo, da empresarialização e da internacionalização. Mesmo assim, tentamos colocar algumas possibilidades, mesmo que, por vezes, precárias e desajeitadas.

Com esta dissertação, não buscamos certezas tampouco é de nosso desejo ou pretensão fazer uma “conclusão-fechamento”. Entretanto, queremos utilizar este espaço para compartilhar alguns sentimentos, significados, impressões e indagações, para que ao serem

conhecidos por outras pessoas “sirvam” para construção de novas “pontes”, à construção de uma “universidade-ponte”.

Temas concernentes à produção bibliográfica em periódicos suscitam questões como: o que significa para a socialização do conhecimento humano a grande quantidade de publicações em periódicos? Temos como absorvê-la? Se não, que critérios utilizar para selecionar material para estudo? Publicações mais esparsas e menos tecnicistas não seriam mais efetivas para o compartilhamento e diálogo sobre o conhecimento produzido? Ou por outra: em quantos desses produtos efetivamente houve contribuição para o conhecimento ou para a sociedade?

Entretanto, não podemos deixar de observar que o produtivismo acadêmico é marcado e potencializado pela cultura da urgência na contemporaneidade, urgência que, por sua vez, representa uma marca indelével do capitalismo e da globalização acadêmica. Como mais um componente dessa cultura da urgência, a lógica produtivista impõe-se como prática naturalizada, na medida em que passa despercebida e é encarada como fato (desprovido de valor) incontornável e inegável e ao qual só nos resta aderir.

Também na linha da cultura de um tempo, nos parece, está a necessidade de tornar público os fazeres. E em uma época de culto aos *reality shows* e às redes sociais, a afirmação da publicização dos fazeres dispensa maiores justificativas. Na medida em que o currículo *lattes* assim como o *Orkut* (já ultrapassado), o *Facebook* e o *Twitter* são produtos de uma cultura, mais do que nunca eles associam reconhecimento à visibilidade. Nessa esteira, o *lattes* não é senão a espetacularização da erudição e da rede de contatos. É uma cultura que despreza as publicações antigas e clássicas em uma busca muitas vezes sem sentido pelo novo, pelo volúvel, pelo efêmero. Destarte, é preciso perguntar: o que estamos tornando público? O que estamos deixando de legado senão apenas currículos que regurgitam publicações e que no futuro serão, assim esperamos, ininteligíveis para antropólogos e

historiadores? Que conhecimento estamos produzindo? Estamos realmente pensando no que estamos produzindo? Há alguma Sílvia Lane na Pós-Graduação para nos responder? E, por favor, não vamos cair na cilada de culpar o “espírito do tempo”, a história está aqui: diante de nós.

Na questão do *lattes*, como instrumento de tornar público os fazeres, existe uma boa questão a ser investigada, o que é publicado mas os pesquisadores não colocam no *lattes*. É bem interessante perceber que especialmente aquelas publicações importantes, como editoriais de periódicos, nem sempre são publicizados nos *lattes*. Ou seja, o *lattes*, por mais que seja vigiado, controlado, tecnizado, é produto de relações humanas e, como tal, dado a controvérsias. O dito e o não dito confluem, há pesquisadores que ocultam o que publicam e há os que não publicam, mas dizem que publicaram.

Outra questão é a da autonomia universitária: até que ponto os processos de avaliação não interferem na autonomia universitária? E, por outro lado, até que ponto não é a própria universidade que abre mão de sua autonomia ao ceder a políticas que padronizam em vez de valorizar as diferenças? Além disso, talvez seja oportuno pensar se já houve condições para a “autonomia” na Pós-Graduação.

Igualmente importante é a questão do pagamento para a publicação. Os periódicos que são uma forma de publicação barata estão começando paulatinamente a cobrar para aceitar a submissão do manuscrito. Especialmente nos periódicos de *Qualis* melhores cotados.

Outra questão importante é fazer um estudo sobre os editoriais, seus interesses, suas discussões e, especialmente, incluir o que eles não discutem. Ou seja, o que é omitido da discussão.

Além dos editoriais, salta aos olhos as diferenças em relação aos modos como são organizados os artigos. Ou seja, nos periódicos *Qualis* A1 parece haver uma padronização de como se organizam as ideias em um artigo, ou, dito de outra forma, parece haver uma

convenção das seções que precisam estar contidas no texto. E não apenas isso, parece também haver uma convenção fixa do que deve ser tratado em cada seção. Acreditamos que isso deve ser associado com as formas de padronizar os pensamentos e os modos de escrita e expressão. Já os artigos publicados em muitos periódicos de *Qualis* inferior, revelam que esses periódicos admitem uma heterogeneidade de formas de pensamento e expressão. Neles, ao que parece, é o pensamento do pesquisador que escolhe a forma de expor as ideias.

Como última palavra, queremos reiterar o que dissemos na conclusão de nosso ensaio: não podemos abrir mão do nosso potencial crítico nem da nossa heterogeneidade! A universidade precisa disso e, mais do que nunca, é preciso resistir e não se deixar enganar pelos discursos que sub-repticiamente fomentam o cerceamento da liberdade de pensamento e expressão acadêmicos, que relegam à marginalidade os intelectuais críticos e que, assim, constroem muros, em vez de pontes, constroem mercados e empresas, em vez de universidades, porque ignoram ou preferem ignorar que a universidade deve ser uma ponte.